

Editorial: Em busca de evidências empíricas das terapias analítico-comportamentais.

Em 2019 a Revista *Perspectivas* completa exatos dez anos dedicados à disseminação da análise do comportamento e de suas aplicações às diferentes áreas do conhecimento! É um marco muito significativo para a Equipe do Centro Paradigma e o Corpo Editorial da Revista, e esse número especial sobre Produção de Conhecimento no Âmbito das Terapias Analítico-Comportamentais vem coroar esse momento, trazendo para a discussão um tema tão relevante para o desenvolvimento das terapias analítico-comportamentais.

A aplicação da análise do comportamento a questões típicas ao contexto clínico teve início em meados da década de 1950, quando recebeu as denominações de “modificação do comportamento” (MC) e “análise aplicada do comportamento” (ABA). Mas foi em meados da década de 1980 que, no Brasil, a prática da modificação do comportamento começou a dar lugar a uma proposta de terapia verbal pautada principalmente no conceito de análise funcional proposto por Skinner, e aplicada sobre o relato verbal das contingências vividas pelo cliente (Meyer, Del Prette, Zamignani, Banaco, Neno e Tourinho, 2010). Na mesma época, em outros países, surgiram modalidades de terapias verbais baseadas na análise do comportamento que, em seu conjunto, foram inicialmente denominadas Análise Clínica do Comportamento (Dougher, 1999).

Nas últimas décadas, essa área de aplicação incorporou os avanços teóricos da abordagem analítico-comportamental, especialmente no que tange ao estudo sobre o comportamento verbal (Skinner, 1957/1992), práticas culturais (Andery, 1997; Andery, Micheletto & Serio, 2005; Glenn, 1991), controle de estímulos, equivalência (Barros, Galvão, Brino, Goulart & McIlvane, 2005; Sidman, 1994; 2000) e quadros relacionais (Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001). Tais avanços permitiram uma abordagem muito mais abrangente do comportamento humano, tendo destaque a compreensão sobre relações simbólicas, eventos privados (Matos, 1997; Tourinho, 2006; 2009) e o desenvolvimento do self (Luciano-Soriano, Gómez Becerra

& Valdivia Salas, 2002; Micheletto & Serio, 1993; Pérez-Álvarez, 1986; Serio, 1997), o que levou ao aprimoramento das técnicas e procedimentos terapêuticos (Meyer, Del Prette, Zamignani, Banaco, Neno & Tourinho, 2010; Nolasco, 2002; Pérez-Álvarez, 1996; 2006).

Historicamente, no Brasil, as intervenções clínicas baseadas nos princípios do Behaviorismo Radical de Skinner têm recebido várias denominações e definições (Nolasco, 2002). As mais comumente encontradas são Terapia Analítico-Comportamental (TAC - Zamignani, Pacheco & Meyer, 2008; Meyer, Del Prette, Zamignani, Banaco, Neno e Tourinho, 2010), Análise Comportamental Clínica (de-Farias, 2010, Marçal, 2014), Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR - Guilhardi, 2004) e Psicoterapia Comportamental Pragmática (PCP - Medeiros & Medeiros, 2011). No âmbito internacional as terapias embasadas no Behaviorismo Radical de Skinner receberam a denominação genérica de Análise Clínica do Comportamento (Dougher, 1999), de onde derivaram várias práticas clínicas que levam também em consideração todo o avanço conceitual e tecnológico oriundo dos estudos do comportamento verbal, iniciado por Skinner (1957), o que inclui a Psicoterapia Analítico-Funcional (FAP - Kohlenberg & Tsai, 1991), a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT - Hayes, Strosahl & Wilson, 1999), a Terapia Comportamental Dialética (DBT - Linehan, 1993), a Ativação Comportamental (BA - Jacobson, Martell & Dimidjian, 2001), entre outras. Independentemente das diferenças que as definem, todas elas tomam por base a Análise Experimental do Comportamento como referencial teórico, provedor de modelos interpretativos para a condução dos casos clínicos (Marçal, 2014; Meyer, Del Prette, Zamignani, Banaco, Neno & Tourinho, 2010; Zamignani & Banaco, 2017). As terapias analítico-comportamentais na atualidade têm em comum uma compreensão mais abrangente do comportamento verbal e do Self e a ênfase na relação terapêutica como mecanismo de mudança

por excelência, mudanças estas de cunho mais experiencial do que baseado no controle por regras e instruções.

O termo “Terapias analítico-comportamentais” visa abarcar todas essas modalidades de intervenção e foi adotado de modo a especificar a identidade da prática clínica dos analistas do comportamento perante terapias comportamentais fundamentadas em outras vertentes teóricas (Zamignani, Pacheco e Meyer, 2008). Embasadas filosoficamente no behaviorismo radical e no contextualismo, e observando fenômenos por meio de processos descritos a partir de métodos experimentais da Análise do Comportamento, as terapias analítico-comportamentais são aplicações clínicas desses conhecimentos. A ciência que embasa, portanto, as terapias analítico-comportamentais é a análise do comportamento, orientando-as por um sistema amplo de interpretação do comportamento humano, que inclui a filosofia, os princípios, os conceitos e os métodos desta ciência (Meyer, Del Prette, Neno, Banaco, Zamignani & Tourinho, 2010).

Nas últimas décadas, é cada vez mais forte a demanda pelo desenvolvimento de modalidades terapêuticas baseadas em evidências científicas sobre sua efetividade, o que tem levado a uma busca por demonstração da efetividade das diferentes modalidades e abordagens psicoterapêuticas (Goodheart, Kazdin & Stenberg, 2006). A maioria das Terapias Analítico-Comportamentais, entretanto, apesar de baseadas em princípios teóricos consistentes e solidamente embasados, ainda carecem de evidências empíricas (Leonardi & Meyer, 2015). As terapias analítico-comportamentais vêm sendo estudadas em diferentes frentes de investigação, em busca de evidências empíricas que possam inseri-las no rol das Práticas Baseadas em Evidências. Algumas das propostas (especialmente a chamadas terapias de terceira geração, como a ACT, FAP e DBT) já dispõem de dados de evidência empírica para alguns problemas de comportamento específicos, e pesquisadores brasileiros e de outras partes do mundo continuam em busca de consolidação desses dados, desenvolvendo de métodos de pesquisa, instrumentos de avaliação e de observação de comportamento. Ou conduzindo estudos de processo e de resultado.

Tendo em vista tal quadro, em outubro de 2017, pesquisadores inseridos em grupos de investigação em clínica de todo o país reuniram-se em torno de um projeto de colaboração interinstitucional: a REDETAC – Rede de Colaboração Interinstitucional para o Estudo e o Desenvolvimento das Terapias Analítico-Comportamentais (www.redetac.org). A Rede reúne pesquisadores, docentes e terapeutas, afiliados a programas de pós-graduação de todo o país e interessados no desenvolvimento das terapias analítico-comportamentais em suas diferentes modalidades e settings terapêuticos, intra e extra-consultório, em terapias individuais, em grupo, de casal e família e aplicadas a diferentes populações, tais como terapia infantil, de adolescentes, adultos, idosos, etc.

A iniciativa do corpo editorial da Revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* em produzir um número especial sobre o Estudo empírico das Terapias Analítico-Comportamentais se deu em reconhecimento à importância da produção de dados científicos para a validação social e profissional das práticas terapêuticas analítico-comportamentais. O número inclui estudos empíricos, metodológicos e conceituais, desenvolvimento de instrumentos de avaliação e de observação de comportamento no contexto clínico, comentários, críticas e reflexões acerca da produção de conhecimento no âmbito das terapias analítico-comportamentais.

Para abrir esse número especial, convidamos o pesquisador Sérgio V. Luna a republicar um artigo de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa clínica na análise do comportamento brasileira, inicialmente publicado na extinta coleção “Sobre Comportamento e Cognição. Nele, Luna levanta pontos de convergências e divergências entre a pesquisa aplicada e a análise experimental do comportamento, assim como entre a pesquisa em psicoterapia e a prestação de serviços. Ressalta os desafios enfrentados pelo terapeuta pesquisador na produção de conhecimento novo, ao conciliar a demanda do cliente com sua pergunta de pesquisa. Aponta ainda a necessidade de que sejam desenvolvidos métodos mais flexíveis e criativos para a pesquisa no ambiente clínico, que valorizem o acesso privilegiado que temos ao relato verbal do cliente, ao mesmo tempo que contor-

nem questões relacionadas ao controle das variáveis externas – reflexões pertinentes e necessárias, que merecem ser retomadas.

O número segue trazendo algumas discussões desenvolvidas por autores convidados a contribuir especialmente para esse número, dado seu envolvimento em importantes grupos de pesquisa brasileiros. São artigos solicitados¹ por sua potencial contribuição para orientar o desenvolvimento de pesquisas sobre as terapias analítico-comportamentais.

O artigo “Considerações Éticas para Produção de Evidências nas Terapias Analítico-Comportamentais”, de autoria de Ferreira e Souza traz a contribuição de um dos subgrupos da RedeTAC, voltado para o desenvolvimento de investigações conceituais e metodológicas sobre as terapias analítico-comportamentais. Nele, os autores levantam uma discussão sobre a necessidade de clarificação dos objetivos da Análise Comportamental Clínica (ACC), como uma exigência ética que deveria motivar a busca pelas evidências de efetividade dos procedimentos de intervenção na Análise do Comportamento Clínica. A partir dessa constatação, os autores discorrem sobre a natureza do que pode ser considerado evidência na ACC e os métodos de pesquisa mais adequados para sua investigação, propondo um amplo programa de investigação no qual a importância das pesquisas teórico-reflexivas é destacada.

No artigo “Possibilidades analítico-comportamentais para a análise e investigação dos Transtornos de Personalidade” Calixto e Banaco trazem a contribuição de outro subgrupo da RedeTAC voltado ao estudo dos chamados transtornos de personalidade. Nele, o conceito de personalidade é definido de acordo com os pressupostos filosóficos e metodológicos da análise do comportamento e a análise funcional de classes de respostas é apresentada como modelo avaliativo dos transtornos de personalidade, assim como suas relações de complementaridade com o modelo diagnóstico tradicional. Adicionalmente os autores apresentam três modelos experimentais (momentum comportamental, paradigma naturalístico de mãe abusiva

e de impulsividade) focados em investigar classes de respostas comumente apresentadas nos transtornos de personalidade, apontando possibilidade investigativas que contribuam com o processo de construção de intervenções baseadas em evidências científicas destes transtornos.

O desenvolvimento de uma linha de pesquisas em qualquer área de investigação leva à necessária reflexão sobre aspectos relacionados à mensuração de seu objeto de estudo. No artigo “Instrumentos de avaliação de processos e resultados na pesquisa e na prática clínica: Questões relevantes para a produção de evidências na TAC”, Bolsoni-Silva e Josua discorrem sobre os instrumentos de avaliação que têm sido utilizados nas investigações no campo da Terapia Analítico Comportamental (TAC) e suas potencialidades, discussão esta ilustrada a partir de programas de pesquisa em andamento. Sugerem a integração de medidas de processo e resultado como um caminho promissor para a produção de evidências.

Os artigos que se seguem foram submetidos especialmente para este número e trazem contribuições não menos relevantes em reflexões e estudos inéditos.

Meyer e Oshiro relatam no artigo “Linha de pesquisa ‘delineamento experimental de caso-único em sessões de psicoterapia’: decisões metodológicas” a experiência acumulada por seu grupo de pesquisa METAC – Metodologias de pesquisa e produção de evidências em Terapia Analítico-comportamental, do departamento de psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. As autoras relatam e analisam os aspectos metodológicos de 28 estudos realizados desde 2001. O artigo serve de exemplo de desenvolvimento de uma linha de pesquisa consistente e profícua.

Em “What do therapists and clients talk about when they cannot explain behaviours? Contextualising therapy itself with a Carl Jung case-study”, Guerin traz algumas provocações ao discorrer sobre variáveis que são ocultadas quando nos referimos a termos como saúde ou doença mental. O autor discute ainda limitações no uso da linguagem como forma de modificar o comportamento e o risco no uso de estratégias discursivas que flertam com o mentalismo e que, ao fazê-lo, podem ofuscar a busca pelos determinantes am-

1 Com exceção do artigo de S. V. Luna, todos os artigos, mesmo os de autores convidados foram submetidos à avaliação por pares de pareceristas.

bientais do comportamento. Discute a partir de um estudo de caso de Carl Jung como a dificuldade de acesso à complexidade das contingências sociais determinantes dos comportamentos individuais pode favorecer a busca por estratégias mentalistas por sua maior simplicidade, acessibilidade e sedução. Tal equívoco, segundo o autor, por vezes pode permear as mais novas formas de terapias analítico-comportamentais, que têm sido denominadas terapias de terceira geração.

Convidando os analistas do comportamento clínicos a uma autocrítica, Toscano, Macchione e Leonardi trazem dados preocupantes e instigantes em “O uso da análise funcional na literatura brasileira de terapia comportamental: uma revisão teórico-conceitual”. Estes pesquisadores apontam inconsistências na literatura tanto na caracterização conceitual quanto no uso do termo Análise funcional na prática clínica de autores brasileiros, revelando dificuldades enfrentadas pelo clínico ao transpor o conhecimento teórico para a prática, e denunciando a necessidade de que haja maior investimento na expansão do conhecimento teórico para uma melhor formação prática dos terapeutas brasileiros no âmbito da análise do comportamento.

Kanamota, Oliveira, Morais, Zamignani e col. levantam aspectos também desafiadores ao operacionalizar o fenômeno da Responsividade em “O conceito de responsividade na Terapia Analítico Comportamental e suas implicações para a pesquisa de processo-resultado”. Recuperando um panorama histórico do conceito, estes pesquisadores resgatam os aspectos centrais presentes nas suas definições em busca de uma conceituação em termos da análise do comportamento. As diversas implicações deste fenômeno no desenvolvimento da pesquisa de processo-resultado nas terapias analítico-comportamentais são apontadas, em defesa de um modelo de investigação pautado preferencialmente nos delineamentos de sujeito único, com especial atenção à flexibilidade no desenho experimental.

O fenômeno de resistência do comportamento à mudança é o tema discutido por Luiz, Costa e Cançado no artigo “Aspectos históricos, teóricos e metodológicos da Teoria do Momentum Comportamental. Os autores sistematizam os dados de pesquisas sobre o assunto em torno do

conceito de Momentum Comportamental, em seus aspectos históricos, teóricos e metodológicos e apresentam implicações dessa área de pesquisa para a Análise do Comportamento Aplicada, especialmente no âmbito da clínica e no trabalho com indivíduos com desenvolvimento atípico.

No artigo “Tradução e adaptação cultural do Questionário de Avaliação de Sessões (Session Evaluation Questionnaire) para o português do Brasil”, Ramos, Pantet, Almeida e col. apresentam a tradução e adaptação cultural, para uso no Brasil, da quinta versão do Questionário de Avaliação de Sessões. Desenvolvido por de Stiles para avaliar a percepção do cliente e do terapeuta ao final da sessão, o instrumento tem sido utilizado e validado em várias partes do mundo como medida da qualidade da relação terapêutica.

Em “Efeitos de Regras e Autorregras nos relatos de mudança comportamental na Terapia Analítica Comportamental”, Silva e Medeiros avaliam processos envolvidos na produção de regras e autorregras no contexto clínico em procedimentos de questionamento reflexivo. O estudo traz dados relevantes para a compreensão das intervenções reflexivas e seu papel no desenvolvimento das autorregras, em busca de procedimentos terapêuticos menos prescritivos (diretivos). Esta linha de investigação mostra-se importante uma vez que há dados na literatura que sugerem que intervenções diretivas estão mais relacionadas à produção de resistência, enquanto intervenções prescritivas podem ser mais efetivas em direção ao desenvolvimento da autonomia do cliente.

Por último, Ávila e Azevedo em “O brincar como instrumento facilitador para o relato de eventos privados relacionados à hospitalização” apresentam um estudo no qual a emissão de relatos de eventos privados relacionados à hospitalização por crianças internadas foi comparada em duas situações distintas: ao interagir com recursos lúdicos e em interações puramente verbais. Ao mostrar a superioridade dos recursos lúdicos na produção desse tipo de relato, o artigo contribui para o desenvolvimento de tecnologias lúdicas para a intervenção hospitalar.

A qualidade dos artigos trazidos nesse número especial e a diversidade de temas abordados ilustra a riqueza da pesquisa clínica produzida por

analistas do comportamento brasileiros. Sabemos que o desenvolvimento de uma prática baseada em evidências exige um esforço maciço de pesquisa e acreditamos que o Brasil tem a massa crítica necessária para assumir um empreendimento desse porte e o trabalho que aqui se apresenta vem corroborar essa afirmação.

Antes de encerrar este Editorial, gostaríamos de agradecer ao Dr. William Perez, editor-chefe da Revista *Perspectivas*, pela gentileza e confiança ao nos convidar para coordenar uma edição tão significativa desta conceituada Revista.

Não podemos deixar de agradecer também pelo trabalho primoroso de revisão realizado por Aline David, Natasha Hayamizu e Lilian Juliani, colaboradoras do Laboratório de pesquisa processo-resultado em Terapia Analítico-Comportamental do Centro Paradigma.

Denis Roberto Zamignani

(Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento – São Paulo/SP)

Denise de Lima Oliveira Vilas Boas

(Paradigma – São Paulo/SP; Núcleo Tríplice Análise do Comportamento)

Fernanda Calixto

(Universidade Federal de São Carlos – São Carlos/SP; Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento – São Paulo - SP)

Referências

- Andery, M. A. A. (1997). O Modelo de Seleção Por Consequências e a Subjetividade. Em: R. A. Banaco (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição*, Vol.1 (pp. 199-208). Santo André, SP: ESETEC.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1 (2), 149-165. Doi: 10.18542/rebac.v1i2.2167
- Barros, R. S., Galvão, O. F., Brino, A. L. F., Goulart, P. R. K., & McIlvane, W. J. (2005). Variáveis de procedimento na pesquisa sobre classes de equivalência: Contribuições para o estudo do comportamento simbólico. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1 (1), 15 - 28. Doi: 10.18542/rebac.v1i1.674
- Glenn, S. S. (1991) Contingencies and metacontingencies: relations among behavioral, cultural, and biological evolution. In Lamal, P. A. (Ed.). *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 39–73). Washington, DC: Hemisphere Press.
- Goodheart, C. D., Kazdin, A. E., & Sternberg, R. J. (2006). *Evidence-based psychotherapy: Where practice and research meet*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum.
- Hayes, S. C. (2004). Acceptance and Commitment Therapy and the new behavior therapies: Mindfulness, acceptance and relationship. In S. C. Hayes, V. M. Follette, & M. Linehan (Eds.), *Mindfulness and acceptance: Expanding the cognitive behavioral tradition* (pp. 1-29). New York: Guilford.
- Hayes, S. C., Strosahl, K., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and Commitment Therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: Guilford.

- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1987). Functional Analytic Psychotherapy. In N. S. Jacobson. (Ed.). *Psychotherapists in clinical practice: Cognitive and Behavioral Perspectives*. Capítulo 10. New York: Guilford.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, N. (2001). *Psicoterapia analítico funcional: criando relações terapêuticas Intensas e curativas*. Santo André, SP: Esetec. Tradução organizada por R. R. Kerbauy. Santo André: ESEtec. (trabalho original publicado em 1991).
- Leonardi, Jan Luiz, & Meyer, Sonia Beatriz. (2015). Prática Baseada em Evidências em Psicologia e a História da Busca pelas Provas Empíricas da Eficácia das Psicoterapias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35 (4), 1139-1156. Doi: org/10.1590/1982-3703001552014
- Luciano Soriano, M., & Gómez Becerra, I., & Valdivia Salas, S. (2002). Consideraciones acerca del desarrollo de la personalidad desde un marco funcional-contextual. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 2 (2), 173-197.
- Meyer, S. B., Del Prette, G., Zamignani, D. R., Banaco, R. A., Neno, S. & Tourinho, E. Z. (2010). Análise do Comportamento e Terapia Analítico-Comportamental. In Tourinho, E. Z. & Luna, S. V. (Org.). *Análise do comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas*. São Paulo: Roca.
- Micheletto, N. e Sérgio, T. M. A. P. (1993). Homem: Objeto ou Sujeito para Skinner? *Temas em Psicologia*, 2, 11-21.
- Nolasco, N. C. (2002). A evolução do conceito de intervenção clínica comportamental conforme apresentada em artigos produzidos no Brasil: Uma revisão histórica. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Pérez-Álvarez, M. (1996). *La psicoterapia desde el punto de vista conductista*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Pérez-Álvarez, M. (2006) La terapia de conducta de tercera generación. *Edupsykhé. Revista de Psicología y Psicopedagogía*, 5 (2), 159-172.
- Sério, Tereza M. A. P. (1997). A concepção de Homem e a busca do autoconhecimento. In Banaco, R. A. (org) *Sobre Comportamento e Cognição, Vol 1*. Santo André, SP: ESEtec.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Boston, MA: Authors Cooperative. Doi: 10.1901/jeab.2000.74-127
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 74 (1), 127-146.
- Skinner, B. F. (1957/1992). *Verbal Behavior*. Acton, Massachusetts: Copley.
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses and private events: Conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29, 13-31. Doi: 10.1007/bf03392115
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Editora Núcleo Paradigma.
- Zamignani, D. R., Pacheco, A.C. e Meyer, S. B. (2008). Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental. *Boletim Paradigma*, 3, 9-16.

doi: 10-18761/PAC.TAC.2019.001